



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Baldemonio*); Eca de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.—*Superstições portuguezas do seculo XVIII*, por Pinheiro Chagas.—*Crenças*, soneto, por Eduardo Pacheco.—*O espiritismo em 1886*, por Nautilus.—*Livros novos*, por D. Guomar Torrezão.—*Das pequenas nacionalidades europeas*, por Alberto Pimentel.—*Um drama no mar*, conto, por José Maria da Costa.—*As nossas gravuras*.—*Em familia (Passatempos)*.—*Espediente*.—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*Traços da historia contemporanea*, por A. C.

GRAVURAS:—*O novo arcebispo de Paris*, Monsenhor Richard.—*A ponte de Santarem sobre o Tejo*.—*Uma virgem de Murillo*.—*Floresta de Saobaba*.—*Estação telegraphica semaphorica e pharol d'Adge, no Hérault*.

CHRONICA

A viagem d'el-rei

El-rei foi viajar. Estamos na epoca das viagens e das entrevistas regias. Mal estoiram as primeiras cigarras sob as ardencias causticas do sol de julho, os monarchas da Europa mandam preparar as malas, despedem-se dos seus vassallos, e eil-os ahi vão, fronteiras fóra, veraneiar á selta longe dos reaes penates.

Cansados de governar, e de rabis-car assignaturas aos milhares por baixo d'uns decretos estopantes, Suas Magestades dizem aos respectivos povos:—governem-se—e aos respectivos ministros:—passem vocês por cá muito bem.

Havendo n'esta quadra férias para



O NOVO ARCEBISPO DE PARIS, MONSENHOR RICHARD

toda a gente, achamos justo que a realza tenha também as suas, porque enfim, ella não é de ferro, e de mais, passa o anno inteiro, como qualquer estudantinho das escolas, a resolver problemas e a fazer exames perante um jury enorme de Epiphânios desalmados, que se chama o paiz.

E o curso de reinar é escabroso, não pareça que não; só tem de bom a dispensa do pagamento das propinas; quanto ao mais, não se leva com uma perna ás costas, como é de uso dizer-se em calão de collegial.

Ha quem tenha apanhado o seu R depois d'um exame de paciencia evangelica feito no alto do throno. A's vezes, por mais vasta que seja a sabedoria governativa dos examinandos, os lentes das cadeiras, representados nas pessoas dos ministros, armam-lhes um rente, e o jury despiadoso *chumba-os*. Tem-se visto muito d'isso.

S. M. el-rei estava agora, precisamente, no momento psychologico em que os taes cathedraicos queriam compromettel-o e o tal jury pretendia infligir-lhe uma reprovaçõesinha, manifestada em centenas de protestos contra a dictadura.

N'esta situação pouco invejavel, S. M. achou sensato dar-se um mez de ferias, e foi viajar pela Europa, como qualquer simples mortal.

A sahida do monarcha e o seu embarque em Belem—diz uma folha—fizeram-se nas trevas mais profundas. Nenhum commodoro britannico embarca ou desembarca de noite nos caes do Tejo com tanta modestia.

Escreve isto a gazeta a que alludimos, e toma o estranho facto á conta de exaggeros economicos do governo, insinuando que se esgotou já nos orçamentos ministeriaes a verba destinada aos foguetes de lagrimas e ás tigelinhas multicores das illuminações burnaysianas.

Que o sr. D. Luiz se tivesse retirado á capucha, sem deslumbramentos de luz na velha praia do Rastello, nem demasias de foguetorio a estrugir por sobre as venerandas abobadas dos Jeronymos, não o negaremos nós, porque foi assim que o vimos abalar Tejo fóra. Mas, francamente, não nos parece que o caso se explique nos pruridos economicos do sr. ministro da Fazenda e na exaustação dos orçamentos respectivos. S. M. quiz, de motu proprio, escapolar-se por entre as sombras da noite, sem hymnos de charamellas nem alvares de luminarias. Fez S. M. muitissimo bem. Nós teriamos feito outro tanto, em egualdade de circumstancias.

E a praga das representações? E a epidemia dos protestos?

Onde se acendesse um facho de luz intensa, lá iria ter uma representação de Marco de Canavezes. Onde echoasse um hymno real, lá iria parar uma commissão furibunda de Freixo de Espada á Cinta. Onde estalasse um tric-trac ou surgisse o lume d'uma tigelinha vermelha, para lá havia de correr, pressuroso, um vereador de Chão de Maçãs, a engatilhar contra o peito real o seu protesto de cinquenta mil firmas.

Ora el-rei estava, e com sobeja rasão, farto de aturar os srs. vereadores despeitados pela dictadura. Já não tinha, mesmo, bolsos onde accommodar tantas representações juntas. De resto, a maior parte d'ellas ou primava pela ausencia da grammatica ou pela abundancia de rhetorica; e nós não conhecemos coisa mais indigesta que ter de ouvir uma syllabada ou ter de escutar um grande aranzel rhetorico-politico, prenhe de lugares communs, no momento em que nos despedimos da familia para uma excursão recreativa.

A Chronica não pode ainda saber ao certo—nem o saberá nunca, talvez,—a que fins obedece a viagem de el-rei. Fallou-se já em que ella mirava á resolução de assumptos internacionaes. Dizem alguns que S. Mages-

tade foi levado ao estrangeiro pelo dever indeclinavel de realizar ali varias visitas de cortezia. Segredam outros que sahio do reino para tratar negocios meramente particulares, e affirmam varios que foi espairecer das fadigas governativas, entregando-se, sobre o Oceano incommensuravel, ás delicias da vida de marinheiro, que ainda o seduz com os seus encantos fascinadores.

Fosse pelo que fosse, como el-rei não se deverá ter sentido feliz, lá fóra, aspirando a plenos pulmões as brisas do mar immenso, muito longe d'este *brouhaha* dos *meetings* lusitanos, muito affastado d'esta asphixiadora intriguinha politica que emporcalha e enoja!

Em nome da lei fundamental do Estado, ficou regeendo estes reinos o principe D. Carlos.

Ainda em plena lua de mel esmaltada de todas as venturas o de todos os sorrisos, S. Alteza vae ter que renunciar, por algum tempo, aos doces *tête-à-tête* d'amor com a sua affectuosa e bonissima consorte, para se votar á improba tarefa da governação do paiz, para ler a prosa chilra e refervida dos representantes de Bouças, para sancionar emprestimos, referendar decretos, conceder graças, e aturar os srs. ministros.

Em verdade, achamos duro. As delicias do noivado e a poesia suavissima e virgiliana da lua de mel, não se coadunam com o officio de rei, nem mesmo quando este officio se exerce por emprestimo, durante um curto praso d'antemão fixado.

São os espinhos *du metier*, bem o sabemos; mas S. A. é noivo, e os noivos gostam de liberdade, do ar embalsamado dos campos, da vida alegre e tranquillissima sem preocupações nem pesadellos.

Obriguem um casal de andorinhas enamoradas a abandonar o aconchego do seu ninho e a dirigir um bando de pardaes irrequietos, que espicaçam doidamente a melhor fructa dos pomares.

As feiticeiras avesinhas vão, talvez, mas suspiram com saudade pela doce quietação em que d'antes viviam, premutando caricias; e á noite, quando os pardaes dormirem a somno solto, acoutados sob a ramaria densa dos platanos, dirão por certo, muito baixinho uma para a outra, escondidas entre as flores d'um canteiro proximo:—Como é bom ser livre!

Outro tanto dirá o principe D. Carlos—iamos jural-o—quando, ás quintas-feiras, vê surgir diante de si, no paço de Belem, o perfil sorumbatico do sr. presidente do conselho e o nariz façanhoso do sr. ministro da justiça, ou percebe, lá ao fundo dos corredores, o vozeirão revolucionario e terrifico do sr. José Guilherme, de Paredes, que vae protestar, com a commissão do Porto, contra a calamidade da refórma administrativa.

Tambem S. M. a Rainha abandonou o regio alcaçar, mas essa não sahio dos seus dominios, limitando-se a fazer uma pequena excursão até ás Caldas.

Mais feliz que seu augusto filho—o Principe,—não lhe coube a missão espinhosissima da regencia, podendo entregar-se, despreocupadamente, ao uso das aguas medicinaes, e ver como se fabricam as faianças primorosas de Bordallo Pinheiro, o republicano artista.

Tocado d'esta febre de viagens, até o governo resolveu mandar fazer as malas e partir.

O sr. Marianno de Carvalho vae para o Luso, o sr. Beirão para Coimbra, o sr. Visconde de S. Januario para Braga, o sr. Henrique de Macedo para Cauterets e o sr. José Luciano para a fresca Cintra.

Em boa verdade, o governo precisa de férias, carece d'um descansosinho. Deus Nosso Senhor tambem descansou ao setimo dia, e mais Elle não promulgou tantas leis em dictadura.

Superstições Portuguezas do Seculo XVIII

Uma das physionomias mais curiosas do seculo XVIII é de certo a do cavalheiro de Oliveira. Diplomata intelligente, estava-lhe reservado um brilhante futuro, quando graves dissidencias que teve com o conde de Taroura, nosso ministro em Vianna de Austria, o levaram a abandonar o serviço portuguez. D'ahi a tempos fazia-se protestante, e, como não pretendemos contar a historia do cavalheiro de Oliveira, não diremos as causas que a isso o levaram, nem referiremos por miudo a historia da sua conversão. Notaremos apenas que, estando elle em Londres, onde publicou durante um anno um periodico mensal, redigido por elle só em francez e intitulado *Amusement périodique*, alli nos deixou uma preciosa colleção das suas perstições catholicas de Portugal no seu tempo.

Ardente inimigo da religião que abandonára, não duvidava contar as suas proprias fraquezas, do tempo em que era catholico, para as estigmatizar, e em referir as superstições que elle confessava ter tido por muito para as metter a ridiculo.

Um dos dogmas de que mais zomba n'uns artigos que elle intitula *Conformidade do papismo com o paganismo* é o da transubstanciação, e a proposito d'isso conta uma anedocta curiosa. O padre Thomé Rodrigues Madeira, prior de S. Mamede, perguntou a uma mulher que ia commungar o que estava na hostia:

— O Padre, o Filho e o Espirito Santo, respondeu a mulher com muita devoção, a Virgem Maria Nossa Senhora, S. Pedro, S. Paulo, Santo Antonio, S. João, S. Francisco...

— O' mulher, páre ahí! bradou furioso o reverendo prior e você não communga. Vá-se d'ahi para fóra.

A mulher saio muito perturbada, sem poder comprehender a causa de tamanha furia.

Uma das superstições mais espalhadas n'esse tempo e cuidadosamente alimentada e desenvolvidas pelos padres era a dos possessos. Era pequeno o nosso cavalheiro de Oliveira, e aprendia humanidades nos Loyos com o padre Lourenço Pinto, quando na propria igreja de Santo Eloy em 1714 se deu o caso maravilhoso de se conseguir por meio de exorissimos fazer sair uma legião de diabinhos do corpo de uma rapariga. A pequena vomitou em plena igreja uma grande quantidade de alfinetes, e os frades explicavam gravemente que os sobreditos alfinetes é que eram os diabos, maiores ou mais pequenos, conforme a sua gradação, e que tambem proporcionalmente se alojavam em alfinetes ou em alfinetes. O padre Lourenço Pinto dera feriado aos rapazes para assistirem ao milagre, que se devia á poderosa intercessão de Nossa Senhora do Valle, santa muito veneranda que vivia n'essa igreja.

Oliveira tambem conta o que se passava em sua casa, e as superstições que elle refere são ainda boje bem conhecidas. Tratava-se sobretudo de imagens de santos. A mão do nosso cavalheiro empregava com os seus santos o systema da intimidação. Quando queria alguma coisa, não se cançava a fazer pedidos; amarrava uma á outra as imagens de Nossa Senhora da Oliveira e de Nossa Senhora da Graça, e, emquanto a sua pretensão não era despachada, permaneciam presas as duas imagens.

Procedia-se com Santo Antonio com mais cerimonia e recorria-se primeiro aos meios Moraes, antes de se appellar para a pena de prisão. Como sabem, Santo Antonio é advogado das coisas perdidas. Assim que se perdia fosse o que fosse, a mão do cavalheiro de Oliveira affastava Santo Antonio das duas imagens suas companheiras, o que, por ellas serem senhoras, se entendia que lhe devia ser muito penoso. Mas, apesar d'isso Santo Antonio ficava impassivel, então era condemnado a vinte e quatro horas de desterro, e a mão do cavalheiro ia-o pôr a um canto da casa, e alli estava exposto aos commentarios das visitas, que perguntavam o motivo do exilio, o que se contava logo para o envergonhar. Se elle ainda assim teimasse, resolvia-se então o supplicio da agua. Pendurava-se Santo Antonio de um poço, mas sem que a imagem tocasse na superficie liquida, depois ia-se arriando a corda, arriando, arriando, até se molhar o santo. Chegada essa occasião, o santo quasi sempre capitulava. Aparecia o que se procurava, e então rehabilitava-se o santo, e faziam-se-lhe todas as amabilidades, para se lhe fazer esquecer o mau tratamento. A imagem voltava para o oratorio processionalmente, acompanhada por todas as pessoas da casa, cada uma com o seu candieiro ou a sua vela accesa. O santo provavelmente dava-se por satisfeito, mas lá no fundo do coração ficava sentindo sempre um *teiró* pela dona da casa. Talvez a isso devesse a boa senhora fazer-se-lhe o filho protestante. Mas, se ella vivia quando um filho protestante. Mas se ella vivia quando seu filho tomou essa resolução, que boa tarca apanharam as imagens! E' verdade que ellas podiam-lhe dizer que eram mais interessadas no caso do que ella propria; mas n'este procedimento nunca ha logica.

O cavalheiro de Oliveira tambem conta que elle era em adolescente muito devoto de Santo Antonio e de S. Gonçalo de Amarante, e que os massava immenso a pedir-lhes que o favorecessem nos seus amores. S. Gonçalo de Amarante adquirio em epoca recente, uma reputação de casamenteiro das velhas, completa-

mente immerecida. S. Gonçalo foi protector sempre de amores juvenis, e até no seculo XVIII, levado talvez pela corrupção da epoca, se prestava a ser medianeiro em amores menos licitos. Pelo menos o cavalheiro de Oliveira parece que não era em nome do santissimo sacramento do matrimonio que invocava o seu auxilio.

Um amigo do cavalheiro de Oliveira, D. Pedro Henriques que era, como a cidade da Guarda, *forte e feio*, mas que não era *frto*, pelo contrario tinha um temperamento amoroso levado da bréca, D. Pedro Henriques pois recorria a Santo Antonio para os mesmos expedientes, mas não invocava simplesmente os meios suasorios. Tinha um Santo Antonio de engonços, que mexia a cabeça para um lado e para o outro, sempre com o menino Jesus ao collo. Como D. Pedro Henriques sabia da ternura que o santo consagrava á criança divina, abusou d'isso, e, quando elle se fazia fino, virava-lhe a cabeça para as costas. Nada pode magoar mais o digno santo do que privarem-n'o de ver o menino Jesus, de forma que tratava de fazer o favor que se lhe pedia para que lh' desvirassem a cabeça o mais depressa possivel, e lhe deixassem ver de novo o menino Jesus!

Se o cavalheiro de Oliveira não exaggera um pouco os seus peccados, ninguem havia mais supersticioso do que elle, emquanto foi catholico. N'uma capella de S. Cornelio que havia nos arredores de Lisboa, os frades capuchos a quem ella pertencia faziam um negociarrão, vendendo aos devotos pequenos chavelhos que desempenhavam o papel de figas. O cavalheiro tambem lá se ia fornecer, e estava então particularmente afregueado com um fr. Simão, excellente pessoa, ao que parece, e que o servia bem, reservando-lhe sempre o que havia de melhor no genero.

A crença no mau olhado, no quebranto era geral n'esse tempo. Conta o nosso cavalheiro que um architecto chamado Domingos Nunes quebrava uma vidraça só de se pôr a olhar para ella. O quebranto então era uma doença classificada nos compendios pathologicos do tempo, e tinham fóros de medicos n'essa especialidade mulheres de virtude. O cardeal da Cunha tinha uma medica effectiva, só para a cura do quebranto.

Como o cavalheiro de Oliveira votava um grande horror ás aranhas, e acreditava piamente no poder que tinha S. Bento de as fazer parar; trazia sempre comsigo uma medalha de S. Bento.

No seu tempo estavam em voga os seguintes versos que mostravam os serviços que S. Bento prestava á humanidade contra a bicharia:

Quando S. Bento era estudante
Nenhum bicho ia por diante

Além da medalha de S. Bento e da figa de S. Cornelio, trazia sempre o cavalheiro de Oliveira comsigo uma cruz cheia de reliquias.

N'esse genero de reliquias havia coisas extraordinarias. Assim o mesmo cavalheiro possuia um pedaço do pendão que tremulava adiante da escolta que levava Jesus Christo para o Calvario, um pedaço da verdadeira cruz, outro da madeira da meza em que ceiou Jesus, quando instituiu a Eucharistia, dizendo: Esta é a minha carne, este é o meu sangue, um pedaço do lenço de cabeça da Virgem Maria, a medida do calçado da mesma senhora, e era essa reliquia tão preciosa que por cada beijo que se lhe dava, apanhavam-se nem mais nem menos do que setecentos annos de indulgencias, o que devia fazer uma grande differença á Eternidade.

Tinha ainda mais uma cruz feita da madeira de uma oliveira do Calvario, e outra cheia de ossos de varios santos.

Como é que homens intelligentes podiam acreditar a sério que o pendão romano, que subira a encosta do Calvario, se repartira depois pelos circumstantes, ou que a Virgem Maria legára á posteridade o seu lenço da cabeça? Emfim a superstição pode muito.

Como reliquia, uma das mais veneradas em Lisboa era o sudario que possuíam as freiras da Madre de Deus em Xabregas, que tinham tido a habilidade de alcançar a propria mortalha em que estivera envolto Jesus, e em que o seu corpo se estampára em sangue. Na sexta-feira santa as freiras expunham-n'o ao publico, desdobrando-o de uma das janellas que deitavam para o Tejo.

Para verem esse tocante espectáculo, apinhava-se todos os annos uma immensa multidão em terra e no rio. Este coalhava-se perfeitamente de barcos, e dentro dos barcos apinhava-se gente sem conto. Todos os annos havia mortes, de pessoas que caiam ao rio, porque, na ancia de verem melhor, faziam virar os barcos em que estavam.

N'esse tempo alem da terra do Santo Sepulchro, tambem se considerava milagrosa a terra da sepultura de Santa Thereza de Jesus.

As romarias eram frequentadissimas, e não eram perfeitamente umas ceremonias muito edificantes. Havia a crendice de que os filhos concebidos durante as romarias eram sempre felizes, e isso servia de pretexto a uma enorme devassidão, em que não davam exemplo de grande castidade os frades e os padres.

Havia, já se vé, os frades milagreiros. Tinha grande reputação

de santidade um frade barbadinho fr. Francisco, e entendia-se que as suas calças, postas no leito de uma mulher que estivesse para ter o seu bom successo, facilitavam extremamente o parto.

Mas aproveitara-se realmente para misteres muito inferiores a virtude do santo barbadinho. Uma vez teve de resuscitar um cavallo que a condessa de Obidos estimava muito. Os santos muita vez invadiam o dominio da medicina, mas este é o caso unico, de que nos lembremos agora, d'elles invadirem tambem os dominios da veterinaria.

Estas e outras muitas constituem as superstições dos Portuguezes n'esse tempo, pelo menos ao que refere o cavalheiro de Oliveira. Muitas subsistem ainda, mas tivemos o cuidado de extrahir, com raras excepções, o que encontrámos no *Amusement périodique* para juntar um capitulo á obra vasta de colleccionação de superstições que hoje em toda a parte se emprehende.

PINHEIRO CHAGAS.

CRENÇAS...

Um dia vi ir um bando
De pombas, brancas de neve
Cortando o espaço, de leve
N'um deslizar muito brando.

E então pensei: como deve
Ser feliz, sempre voando,
Aquelle tépido bando
De pombas, brancas de neve!

Assim, minh'alma chorando
Verá debandar em breve
As suas crenças, voando...

Voando muito de leve,
Como esse tépido bando
De pombas, brancas de neve.

EDUARDO PACHECO.

O ESPIRITISMO EM 1886

A morte recente de mr. Hume chamou de novo a attenção sobre o espiritismo, que, ao passo que se olha com indifferença na Inglaterra e na França, faz notaveis progressos nos Estados-Unidos. Não é raro ali que um moribundo prometta aos seus amigos apparecer-lhes depois de morto, e cumpra fielmente a promessa feita. Evocadas por um *medium* habil, as sombras materializam-se: uma mulher reconhece o seu defunto marido, um pae a sua filha dilecta, um amigo o seu amigo mais intimo.

Mas tudo isto fica a perder de vista, comparado com o que succede no Oriente, o paiz da magia e dos encantos.

No norte da India existem collegios, especies de viveiros de *mediums*, onde se operam extraordinarios phenomenos do magnetismo, do espiritismo e do extase. Varios brahmanes teem ali a seu cargo manter n'uma somnolencia continua individuos dotados de excessivo poder nervoso, na maior parte muito jovens, e a que chamam *paramahansas*. Estes individuos podem, n'um determinado caso, desdobrar-se, abandonar os respectivos corpos, e ir a Londres, a Pariz, ou a qualquer outro ponto longiquo, para saberem o que ali se passa.

Ao invéz do que succede nos Estados-Unidos, não são os espiritos dos defuntos os que apparecem; são os dos vivos.

Ha pouco tempo realisava-se em Pariz uma reunião de espiritistas, quando de repente se apresentou entre elles um *paramahansa*. Imagine-se o espanto que essa inesperada appareção causou aos circumstantes.

Contou elle que, por intervenção d'um *medium*, encontrára albergue n'um ser estranho, cujo corpo, n'esse momento livre, estava talvez na India. Aproveitando com muito gosto uma tão boa fortuna, fôra até á grande capital franceza distrahir-se. Ao menos, por algum tempo, libertado da sua prisão, não veria em volta de si as largas tunicas brancas dos brahmanes aborrecidos.

O nosso *paramahansa* criticou o regimen da instituição, contando que apenas lhe davam, como alimento, hatschich e substancias excitantes; que o obrigavam a dormir de dia e de noite, e a aspirar perfumes fortes, que produziam n'elle uma especie de embriaguez. Os seus somnos eram sempre agitados, e quando sonhava, soffria horrivelmente.

A' narrativa de tantos soffrimentos, as mulheres sensiveis—ha sempre muitas n'aquellas reuniões de espiritistas—sentiram

as lagrimas aljofrar-lhe os olhos. Nenhum dos assistentes pareceu duvidar das declarações do Indú e da boa fé do *medium*, que teve, por certo, de reprimir o riso, em face d'aquella confiança tão profunda.

E', porém, fóra de duvida que os *paramahansas* existem e que se lhes attribue na India um poder sobrenatural.

Marion Crawford, o romancista actualmente mais em voga na America, faz apparecer n'um dos seus ultimos romances, em meio das montanhas do Himalaya, um personagem estranho, que encanta as serpentes, atravessa as paredes mais grossas, desaparece nos ares, e, mais ainda, diz ser doutor em medicina pela Universidade de Edimburgo. A' noite, este curioso personagem vem conversar com um jornalista norte-americano, que lhe pergunta tranquillamente:

—Não é o seu corpo que aqui se acha?

—Não é—responde o *paramahansa*. O meu corpo está a dormir no Thibet. O que v. tem junto de si é a minha forma astral.

E não se cuide que isto é uma simples *blague* do romancista; Marion Crawford desenhou *d'après nature*.

Ha tempos vio-se chegar a Simla, onde se desenrolou a acção do romance alludido, uma senhora velha, viuva d'um general russo, Blavatsky, em companhia d'um coronel chamado Olcott. Eram ambos espiritistas e realisaram varias conferencias, onde o publico ouviu as coisas mais extraordinarias.

As senhoras, sobre tudo, apaixonaram-se por aquella bruxa de cabellos brancos, que, segundo dizia, chegava d'um paiz desconhecido e maravilhoso, onde todas as mulheres eram dotadas de incomparavel belleza.

Produziram-se inumeros milagres em Simla, depois da appareção da feiticeira; e o correspondente d'um jornal dos mais graves e serios, enviou d'ali á Europa um ecco das suas impressões. Achou-se que tratava com demasiada seriedade as divagações d'uma doida.

O signal da sublevação contra a viuva Blavatsky foi dado por uma das adeptas mais famosas da seita, *mistress Coulomb*, que, depois de lhe haver prestado o seu concurso, foi accommetida de escrúpulos religiosos. Escreveu uma série de cartas, em que descrevia os segredos do officio, e reduzio os milagres da sciencia theosophica ás proporções dos trabalhos de prestidigitacão de Robert Houdin.

Propoz *mistress Coulomb* ao coronel Olcott e á sua compaheira que se justificassem e respondessem ás calumnias com milagres reaes. A proposta foi acceite; mas no dia em que deviam verificar-se os taes milagres, diante de todos os habitantes de Simla, os dois aventureiros não appareceram no local da reunião. Tinham dado ás de Villa Diogo.

Em consequencia d'isto, a sociedade theosophica da cidade desmantellou-se.

Ha, tambem, em Lisboa uma Associação de espiritistas, onde á noite se passam cousas assombrosas e onde se diz que apparecem os taes *paramahansas*, fazendo revelações extraordinarias.

Occupar nos-hemos d'essa curiosa e patusca instituição em um dos proximos numeros.

NAUTILUS.

LIVROS NOVOS

CONTOS MODERNOS

Mais uma

Em boa hora foi inaugurada esta valiosa sellecção de contos, cujos dois primeiros numeros são duas pequeninas obras primas.

O conto está sendo hoje a forma d'arte mais assiduamente cultivada, aquella que possui maior numero de proselytos entre os que escrevem e os que leem, por isso que é a unica que corresponde ao preceito do bom La Fontaine, formulado em uma epocha onde a critica vidente e sagaz do autor das *Fabulas* presentia já a doença de febre, de vertigem, de galope doido e de insaciavel sede de imprevisito que deveria tomar posse de todos nós, filhos legitimos do seculo do vapor e da electricidade.

E todavia, o conto que attrahe, pela sua apparente facilidade, pelas suas breves dimensões, á primeira vista tão restrictas e tão accessiveis, os novos, os *debutantes*, os inexperientes e os ingenuos, é ainda e sempre, a forma d'arte que menos se presta a que a domem e subjuguem aquelles a quem não haja sido concedida essa estranha cousa, tantas vezes erradamente attribuida aos que estão longe de possuil-a, que se chama talento.

Quantos dotes de primeira ordem são indispensáveis para se escrever a pequenina obra, que por ahí corre tão falsificada, a que se dá o nome de conto?...

Em França, existe hoje um numero incalculavel de contistas; entretanto, de todos esses chamados, não haverá, talvez, em rigor, senão dois ou tres escolhidos.

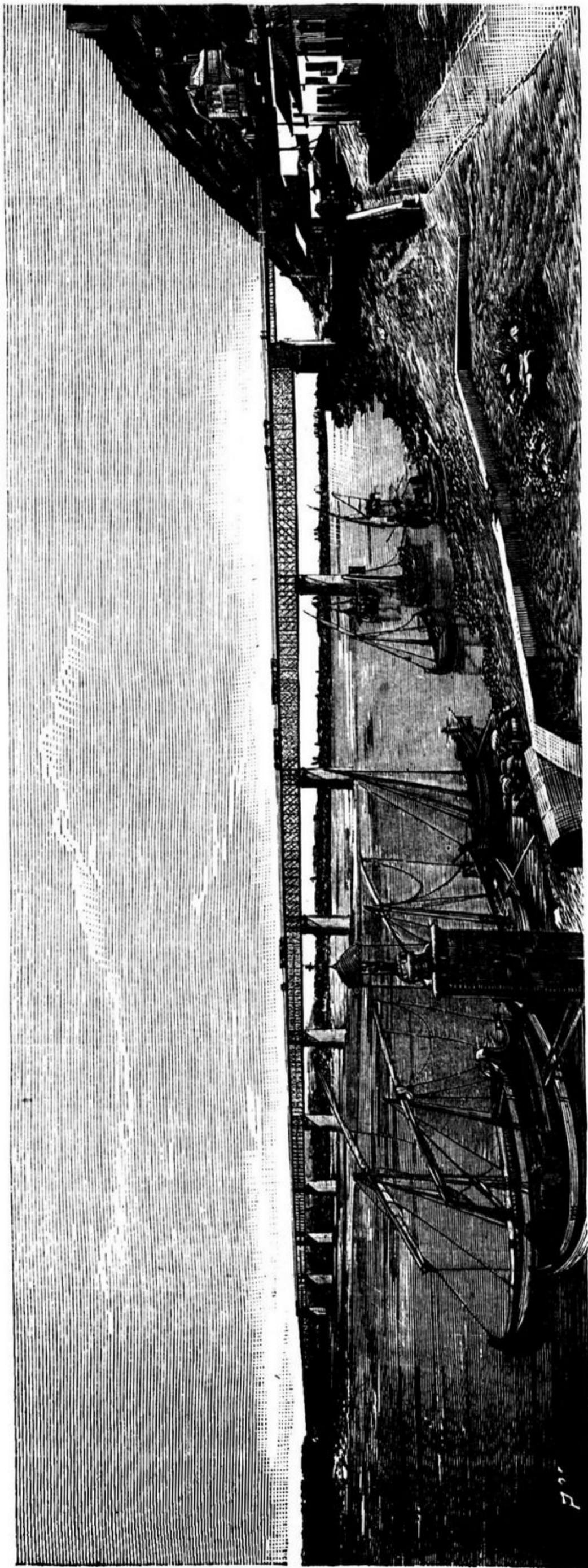
Em Portugal, não ha ninguem que não se entregue a esse genero de passatempo, aliás inoffensivo, a começar nas creadas que contam contos aos meninos, e a acabar nos meninos grandes que escrevem contos para os seus contemporaneos, com sobrescripto endereçado á Posteridade, onde é de suppor que não cheguem nunca...

E não está ainda hem provado, que depois de reunidos todos esses meninos, digo todos esses contos, se nos depare um, um pelo menos, um a menor fracção que poderá exigir-se, que satisfaça ao que é necessario que o conto seja: isto é, uma pagina vivida, que encerre uma idéa, que synthetise na breve moldura de um quadro, um dos vastos dramas da vida humana e que nos dê n'esse quadro, pintado com o ligeiro traço profundo, colorido e aerio que assignala os luminosos interiores dos mestres hollandezes, a vibrante e imperiosa commoção proveniente da exaltada sensibilidade do artista.

O que no livro, isto é na ampla tela de largas dimensões, se accentua e desenvolve, tem apenas de ser rapidamente esquisado no conto.

Mas por isso mesmo que o conto é apenas um esboço, é mister que a tinta que o artista emprega possua o brilho, a nitidez e a transparencia indispensaveis para nos fazer ver em um simples aspecto, um mundo de complexas e agitadas paixões, entrevisto, como nos kaleidoscopos, em uma rapida successão de variadas perspectivas.

E' a este preceito que plenamente obedece o pungente drama de uma existencia humilde, que acaba de desenrolar-se a meus olhos, concretizado nas



PONTE DE SANTAREM, SOBRE O TEJO

estreitas dimensões de um conto de 35 paginas, conduzidas, desde a primeira até á ultima, com um raro poder de observação e com uma singular nitidez de execução.

E' autor d'este primoroso estudo da vida rural o sr. conde de Ficalho, tão longe pela sua posição, pelas applicações scientificas que absorvem o seu espirito, pela ordem de idéas a que tem de subordinar-se o seu tempo, d'este horto litterario, onde por cada uma das raras flores que logramos arrancar aos silvados onde rasgamos os pés, as mãos, o coração e a alma, padecemos, em tantas horas de soffrimento que ninguem sonha, a agonia dos insaciados, dos infecundos, d'aquelles que em vão estendem os braços para o céu da inspiração, sem nunca conseguirem dar uma forma viva ao ideal de perfectibilidade que os tortura e dilacera!...

A singularidade de ser este conto a obra de um homem, que, como o sr. conde de Ficalho, passa de relance pelas letras, na qualidade de simples dilettanti, duplica o valor e demonstra, ao contrario do que Zola affirma, que para escrever bem, para produzir uma obra prima, não é necessario escrever muito.

Uma das grandes superioridades do estylista, a quem devemos o formosissimo conto *Mais uma*, é a profunda sciencia do campo, da natureza agreste, que elle possui como poucos; a atmosphera peculiar á montanha e ao valle que se evola das suas paginas, dando-nos, a nós outros, prozaicos habitantes das cidades, uma refrigerante sensação de bem estar, como que um banho de perfumes e de seivas, onde a nossa alma mergulha, deleitada e rejuvenescida!

No fundo d'esse quadro rustico, cheio de movimento e de côr, destaca a figura de Rita, a victima da vulgar seducção, da eterna tentação que despenha fatalmente no abysmo das perdas quasi todas que, como ella, possuem a suggestão da formosura, que as faz implicitamente cúmplices dos baixos appetites do

prevaricador, e a surda conspiração da miseria, que as violenta á solução da queda.

São admiráveis as paginas em que Rita luta ainda com os derradeiros escrúpulos da sua consciencia de rapariga honesta.

«Mas sentia dentro de si uma resistencia, escreve o autor; toda a sua mocidade intacta e fresca protestando n'um calafrio revoltado dos sentidos. Teve como um apego ao ar, ao sol, ás festas alegres, onde fosse de cabeça levantada. Pareceu-lhe de repente melhor o trabalho, o apanho da azeitona nas grandes encostas lavadas de luz, ouvindo os varejadores cantar, em cima das oliveiras. Lembrou-se do Zé Severo, o ingrato que ia casar com a Chica Sirgueira; e de um moço que agora a namorava, um bello mocito muito pobre, que andava lá no varejo. E ficou alli quieta, calada, fitando as brazas.

«Instinctivamente, olhou para si e para a saia de batido, rota á, toda esfiada em baixo; para as mangas das roupinhas de chita preta, velhas e russas, molhadas ainda, colladas sobre o seu bonito braço redondo, esfumado de finos pellos negros. Viu-se então, como estava n'aquelle dia de festa, muito secia, muito bem composta. Teve saudades dos lenços de seda que lhe iam tão bem, e das suas argolas de ouro, vendidas para pagar a renda da casa. Voltou-lhe de repente a pena das suas argolas—muito lindas; uma pena funda de creança a quem quebraram um bonito, tão funda ainda que lhe trouxe as lagrimas aos olhos. Sabia que os lenços e as argolas, e vestidos, e mais argolas e vestidos, e cordões podiam voltar. O Cardoso era muito rico e muito generoso.

«A velha questão surgia ali diante da rapariga, dançava na chamma oscillante do lume pobre, luzia nas pequeninas brazas vermelhas, brilhantes no brauco das cinzas... vender-se!»

E no fim do conto, como fecho d'esse monologo de que immerge para o mal,—eternamente victorioso,—uma virgem maculada, o autor põe estas palavras:

«—Pois diga-lhe (dirigindo-se á mãe, que advoga, inconscientemente, a deshonra da filha), diga-lhe que sim.»

O effeito d'esta simples phrase final, batendo isolada, na desolação do lance, como o plaugente som de um dobre a finados, é surprehendente!

GUIOMAR TORREZÃO.

DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

I

Não ha nação perduravel quando o sentimento de *nacionalidade* é frouxo e vacillante. Eis aqui a razão por que confundimos, no titulo geral d'estes artigos, as duas palavras.

Propomo-nos tratar dos pequenos estados da Europa, que teem affirmado no decurso dos tempos o sentimento hereditario da sua unidade politica pelo conjuncto das suas tradições, interesses, uzos, costumes e leis. Não nos referimos á raça, porque nações diferentes provém da mesma origem ethnographica; tambem nos não referimos ao territorio, porque as fronteiras politicas de um paiz podem variar, sem que esse paiz perca em unidade moral o que perdeu em territorio.

Abstemo-nos de entrar em minudencias sobre o modo como muitos publicistas teem entendido a ideia de nacionalidade. Esse trabalho está já feito, entre nós, pelo sr. Antonio de Serpa. O nosso intuito limita-se simplesmente a considerar as pequenas nações da Europa, na sua origem e na sua existencia, isto é, na sua nacionalidade, apenas estudada como facto historico.

Merecem-nos uma especial sympathia os pequenos estados, que resistem mais pelo seu profundo sentimento de amor patrio do que pela força dos seus exercitos ou da sua importancia politica.

As familias que vivem n'uma sabia mediania, guardando o respeito devido a si mesmas e ás conveniencias sociaes, em choupanas onde o bom juizo supprime a riqueza, e onde a alegria serena do lar afugenta, pela sua imperturbabilidade, a tentação mundana da ambição e da vaidade, encantam-nos muito mais do que os grandes palacios onde a vida é agitada e tumultuosa, faustosa e cambiante, mas onde raras vezes o espirito alvoroçado pode encontrar descanso na felicidade do coração ou na paz da consciencia.

Grande nau, grande tormenta: diz o proverbio.

As nações são como as familias. Poderosas e fortes, umas, pequenas e modestas, senão humildes, outras. Mas uma compensação providencial parece dar aos pequenos estados em serenidade interior e contentamento domestico o que lhes negou em vastidão de territorio e importancia politica.

Ao passo que as grandes potencias só pensam em alargar ainda mais as suas fronteiras e colonias, embrenhando-se no dedalo das negociações diplomaticas e lançando-se na aventura in-

certa da guerra, tendo sempre no horizonte a nuvem de um grave problema politico a resolver, quando não são dois; os pequenos estados, sem ambições e sem commoções, vivem tão contentes dentro dos seus estreitos limites, como as abelhas dentro do seu exíguo cortiço.

Quando, em 1796, a republica franceza nomeou Bonaparte general em chefe do exercito de Italia, e a Europa teve occasião de seguir passo a passo essa grande campanha que devia acabar pelo tratado de Campo-Formio, a pequena republica de S. Marino viu sem inquietação, forte na sua pequenez, o exercito da França invadir a peninsula italiana para despadaçar o jugo da Austria.

O quartel general do exercito invasor estabeleceu-se em Pesaro, e ali dois homens illustres, abancados sob a mesma tenda, fixavam os seus olhos sobre a carta de Italia, passeiando sobre ella o olhar dominador, como uma aguia que escolhe a presa para empolgal-a, quando, de azas e garras abertas, se prepara para descer. Esses dois homens eram Bonaparte e Gaspard Monge.

Por um momento, os olhos investigadores de Bonaparte pareceram demorar-se sobre um ponto quasi impercível, que, ao occidente de Pesaro, apparecia no mappa de Italia, cravado como um pequeno bico de alfinete á orla do vasto littoral do Adriatico.

Era a republica de S. Marino.

Gaspard Monge fez o elogio d'esse pequeno povo, tão cioso da sua independencia, tão forte na sua sua fraqueza. Bonaparte ouviu-o com enthusiasmo, e encarregou-o de ir offerecer á republica de S. Marino um augmento de territorio.

O conselho soberano da pequena republica italiana recebeu Monge em triumpho. Os sinos repicaram, e a fortaleza da Rocca, que só troveja nos dias solemnes, saudou do alto da sua montanha, pela voz do canhão, o enviado de Bonaparte.

Gaspard Monge, conduzido á sala do grande conselho, expoz perante elle o offerecimento do general em chefe. As suas ultimas palavras foram commentadas com applausos calorosos e unanimes. Mas o capitão regente, Antonio Onofri, levantando-se em meio do conselho, respondeu ao enviado de Bonaparte, agradecendo reconhecido o offerecimento que acabavam de ouvir, mas recusando firmemente o augmento de territorio, porque a republica, contente na sua modestia, não queria, por um imprudente sentimento de ambição, comprometter a sua liberdade que tanto amava.

A recordação d'este facto historico é simplesmente encantadora. Não ha ninguem mais forte do que os fracos quando não invejam o poder alheio. A republica de S. Marino preferiu a sua felicidade ao seu engrandecimento. O proprio Bonaparte commoveu-se deante d'esta prudencia desambiciosa e modesta, e alguns dias depois escrevia, em nome da republica franceza, uma carta em que assegurava á pequena republica do Apennino os seus sentimentos de cordealidade e respeito para com ella. Mais tarde, quando Bonaparte era já imperador e o territorio de S. Marino se achou inteiramente encravado no departamento francez do Rubicon, o imperador fez respeitar a independencia da pequena republica italiana.

A historia archiva este grandioso exemplo de abnegação dado por um pequeno estado que conta apenas 1:500 habitantes, e que, em todos os tempos, pode servir de antithese á cupidez insaciavel das grandes potencias. A formiga do Apennino deu á aguia da França uma lição de prudencia que não esquecerá jamais.

Depois de havermos pretendido explicar a nossa sympathia pelos pequenos estados, e o intuito dos nossos artigos, começaremos por occupar-nos da republica de S. Marino, já que accidentalmente tivemos que citar um facto historico que lhe diz respeito.

ALBERTO PIMENTEL.

UM DRAMA NO MAR

O Francisco era o mais divino garoto que o clima ardente dos Açores tem aquecido. Filho de uma pobre de Christo, que mal moirejava a vida para se sustentar mais ao menino, e filho de um degradado que curtiava em Africa as lagrimas que tinha feito derramar a muitos, não podia sair boa peça a tenra vergonha de tão illustres progenitores.

Em pequeno, o Francisco declarou guerra aos caranguejos na praia. Espigado de corpo, tornou-se liquidatario social de tudo quanto apanhava ao alcance da mão, com grave escandalo do codigo penal e canção dos zeladores da camara municipal. Grande, fez-se arrais e bordejava como um fidalgo, no porto da Villá das Velas; latinos desfraldados ao vento, quilha quasi ao lume d'agua, n'uma inclinação de arripiar as carnes.

Estava então em todo o esplendor dos 18 annos, cheio d'essa



UMA VIRGEM DE MURILLO

(QUADRO DO MUSEU DO LOUVRE)

intelligencia maligna, feita da experiencia precoce dos homens e das coisas, no terrivel *struggle for life*, de Darwin.

Era bello o rapaz, porque se tinha creado ao sol e ao vento livre do mar. O seu largo peito branco, de uma sadia côr rosada, apparecendo francamente pela camisa entre-aberta, não assombreado ainda por nenhuma pennugem, fôra arqueado na violenta gymnastica dos calhaus, do box, dos remos e da natação. A sua voz harmoniosa e de uma doçura infinita nas notas veladas, adquiria o volume intensissimo e poderoso nos cheios, quando a tempestade da alegria ou da colera lhe saccudia a caixa thoracica. O rosto formoso e imberbe, os olhos grandes de um azul purissimo, fixavam-se em qualquer pessoa como duas laminas cortantes, transluzindo a desconfiança, a malicia, a audacia. A cabeça coroadada de um barrete vermelho d'onde escapavam flocos de cabello loiro-castanho. Eis o nosso heroe, a que não faltava elegancia, e que podia passar por um mancebo rico, vestido de pescador.

*

Nenhum rapaz pobre nas ilhas de baixo, commetteu jámais a tolice de se deixar ficar em terra, até á epoca do recenseamento militar. Por isso aquellas terras, offercem o desolador espectáculo da ausencia completa da mocidade. Ha logarejos onde se póde contar 60 mulheres por cada homem novo.

O Francisco, na sua qualidade de pobre, tinha de seguir a marcha commum. Havia-se aguentado emquanto pudera, mas o recenseamento estava á porta. A sua pratica de arrais, inclinavalle naturalmente o animo para a vida do mar. Seria embarcado. Assente este proposito, esperou a epoca em que os navios baleeiros americanos vão á ilhas refazer-se de tripulantes baratos, fugidos ao recrutamento.

No anno em que se passa esta pequena historia, a escuna baleeira *Zig-Zag*, do commando do capitão Johnson, seu proprietario, ancorou no porto da Horta para depositar os barris d'azeite de que vinha cheia. Ao levantar ferro, como o capitão precisasse d'alguns mancebos resolutos e conhecedores do mar, em vez de se fazer ao largo, aprofou á ilha de S. Jorge e correu todos os portos sob varios pretextos, passando aviso aos engajadores locais.

Foi a bordo o Francisco, e soube do capitão o desejo que tinha de tomar alguns rapazes para repôr a falta dos marinheiros que ficaram em terra a gosar tranquillamente no seio de suas familias, os quinhões obtidos no producto da pesca da baleia. O arrais offerceu-se logo para ser matriculado pelo capitão, dispensando o concurso dos engajadores.

Na tarde d'esse mesmo dia, suspendia ferro a *Zig-Zag*, depois da visita da alfandega, e em breve as suas velas brancas não eram maiores do que as azas d'uma borboleta, na linha do horizonte.

Na praia, ia um silencio imponente. Caía a noite como uma dobra immensa de crepe, presa do ceo á terra. As pontas dos calhaus negros, rasgando o prateado das aguas, semelhavam cabeças de gigantes, espreitando os sombrios mysterios do mar.

A *Zig-Zag*, ao abrigo das sombras da noite, virou de bordo, aprofando a terra, da qual se aproximou mansamente. A distancia conveniente largou um escaler a toda a força de remos, em direcção a um ponto d'ante mão combinado, onde se achavam o Francisco e mais dois fugitivos, que embarcaram lestos. Em diferentes pontos do littoral repetiu o navio a mesma operação, gastando n'isso alguns dias.

*

O Francisco, mercê do seu typo inglez, da sua vivacidade, força muscular, audacia e pratica do mar, tornou-se estimado de toda a tripulação, composta de elementos heterogeneos, e bem visto dos trancadores, contra-mestres, pilotos, capitão e esposa.

Johnson, velho lobo do mar, senhor de uma rasoavel fortuna, mas com fanatismo pela agua, e feio com um verdadeiro *yankee*; casara recentemente com a filha de um official de marinha mercante, menina muito prendada, educada com toda a liberdade americana e que o pobre capitão suppoz entusiasmado pela vida maritima pelo facto de ser filha de um marinheiro e mulher d'outro.

A rapariga era pobre e tendo-lhe fallecido o pae ao sair do collegio, como mulher pratica, agarrou-se com unhas e dentes, á proposta d'aquelle urso, que lhe dava uma posição, dinheiro e descanso.

O capitão, como todo o homem que sabe melhor pescar baleias do que o coração das mulheres, depois de passar a lua de mel nas formosas margens do Mississipi, levou a esposa para bordo, por economia e para evitar que ficasse em terra exposta a algum desaire, por isso que nem um nem outro tinham parentes. Mas a sr.^a Johnson, se bem que se conformasse na apparencia, ruminou o seu despeito por se ver retida a bordo, no atmosphera pesada de azeite derratido. Era verdadeiramente *shoking!*

O marido é que não tinha a penetração necessaria para prever estas coisas. Rude e franco, a.l.ando loucamente o mar, julgava que a esposa, pelo facto de se lhe ter unido, deveria sentir como elle. O grande bruto, perderia mais facilmente a pista a uma

baleia—o que jamais lhe acontecera—do que perceberia a repulção da joven e delicada esposa ao ser abraçada e beijada brutalmente, a todo o momento, por um marido tresandando a azeite de peixe, desde as grandes barbas grisalhas mal cuidadas, até ás botas d'agua, enormes.

Foi n'esta crise psicologica que o capitão aportou aos Açores. A esposa tinha já tres annos de bordo, mais do que sufficientes para tirar carta de piloto e sufficientissimos para estar furiosa. Longe de se bestialisar n'um meio tão estúpido, a sensibilidade apurara-se-lhe extraordinariamente, mercê do combate interior de revolta á procura de um expediente de saida.

*

A appareção do Francisco a bordo, foi de um effeito indiscriptivel para a joven desposada. Era real o que estava vendo, ou não seria uma cruel illusão? Havia finalmente a bordo quem trajasse as galas louças da mocidade, quem tivesse doçura no olhar, harmonia na voz, sympathy e frescura no rosto?

Entre toda a tripulação, incluindo os officiaes, composta de pretos, mestiços, italianos derrancados e ilheus brancos, todos de grenha revolta e virgem de pente, epiderme crestada pelos frios polares, voz cavernosa pela aguardente, o recémvindo destacavase como um principe.

A neo-yorkina fallava alguma coisa o portuguez, e o joven marinheiro fallava, como todos os catraeiros insulanos, alguma coisa o inglez, por isso a approximação foi facil.

O capitão fazia a escripturação n'uma cabine immediata á de dormir; e quando no dia seguinte foi chamado o Francisco para ser registado na matricula de bordo, estava presente a sr.^a Johnson.

Foi grande a surpresa do rapaz ao ver uma mulher a bordo; surpresa só comparavel á da esposa do capitão, ao examinal-o.

O Francisco era muito ladino para não perceber logo a impressão que tinha causado sobre a esposa do commandante e ao mesmo tempo comprehender que a pobre menina se aborrecia horrivelmente do marido e de tudo que a cercava. As respostas metallicas, vibradas pelos seus labios delgados, eram eloquentissimas.

Gaiato e leviano, sem vocação decidida para a pesca da baleia, que elle aceitara como extremo recurso para se eximir ao serviço militar, estava decidido a aproveitar a primeira occasião favoravel para fugir de bordo, nos Estados-Unidos. Parecia-lhe ter farejado uma boa companheira dos seus intentos na esposa do capitão.

Com essa habilidade infernal, que possui todo o rapaz novo e bonito que sabe valer-se d'essas poderosas qualidades, principiou a procurar com os olhos a sr.^a Johnson.

Não se enganara na sua presupposição. A pobre rapariga, seguia-o com um olhar devorador e inquieto.

Mercê do tempo que já estava a bordo, a sr.^a Johnson conhecia todos os recantos do navio como os seus dedos e fallava com todos os marinheiros e officiaes. Foi por isso que ninguem estranhou que se dirigisse para a proa e interrogasse o Francisco.

A endiabrada americana, resoluta e pratica, em breve ficou inteirada de toda a historia do marinheiro. Era certo que elle não morria de amores pelo mar alto. Assentou logo o seu plano: fugir com elle no primeiro ensejo que se lhe offercesse.

*

A camara do navio era á ré, e o salão de costura e leitura da sr.^a Johnson, ficava encostado á amurada, deitando janellas para o mar por cima do leme, o que lhe assegurava uma vista magnifica sobre a esteira do navio. Por cima das janellas estava o escaler d'honra e as duas classicas boias de salvção.

Era n'este pequeno salão onde se achava, sempre que não passeiava sobre o convez, a sr.^a Johnson. N'elle tinha o seu piano, a sua livraria, a sua mesa de costura.

Era uma especie de refugio onde passava horas consecutivas, emquanto seu esposo se embebedava ou jogava até alta noite no camarim dos officiaes, junto do primeiro mastro de proa. Era portanto facil, como se vê, dar uma entrevista n'aquella extremidade do navio.

Comprehendeu admiravelmente todas estas favoraveis disposições, n'um reconhecimento em forma que operou, o nosso Francisco; e tendo já, por conversas astuciosas com a marinhegem, adquirido a certeza de que o capitão tinha fortuna, que toda reverteria por sua morte a favor de sua mulher, decidiu-se a entrar em acção.

Para isso precisava assegurar-se primeiramente, do amor cego da transparente e juvenil americana. Foi-lhe isso facil. Na primeira noite em que penetrou arrojadamente no salão da sr.^a Johnson, a qual não teve coragem para repellil-o, vindo-o junto a si, com as mãos escaldantes e tremulas, apertando nervosamente as d'ella, ficou sellado com beijos o pacto infernal de união para a vida e para a morte.

As entrevistas continuaram quasi todas as noites, mais ardentes do que nunca. O Francisco, rapaz novo, forte e ardente,

encontrava uma rapariga que amava pela primeira vez, fascinada pela formosura d'elle e haurindo até á ultima gota o calix do amor louco, desvairado, prohibido e transbordante, que a arrebatava n'um turbilhão de embriaguez apaixonada.

O Francisco podia fazer da sr.^a Johnson o que quizesse. Era sua escrava. Um simples olhar d'elle e eil-a de rastos, inteiramente subjugada por aquelle amor sensual e por isso medonhamente imperativo.

Foi n'estas circumstancias que elle resolveu dar o golpe final. Entrou uma noite no salão da sr.^a Johnson e induziu-a a envenenar o marido. Apesar de todo o amor que a joven lhe tinha, era escrupulosa, e negou-se horrorizada a semelhante desfecho. Elle insistiu, tomou calor e esquecendo-se do logar em que estava, n'um impeto de despeito e colera, lançou com violencia selvagem, as mãos, ao pescoço da amante. Esta, instinctivamente, gritou por soccorro

Estava tudo perdido. Passado um minuto, sentia-se perfeitamente os passos de muitas pessoas, que desciam, a correr, do convez para a segunda coberta.

Então, a sr.^a Johnson, ajoelhou diante do amante e gritou-lhe com ancia, que se salvasse pelas janellas, subindo para o bote; mas tal subida era absolutamente impossivel, porque seria preciso que pendesse do bote um cabo para elle se içar.

O rapaz teve uma idea; abriu a porta de communicacão interior e refugiou-se no camarim do commandante. Apenas tinha fechado a porta sobre si, uma onda de rostos espantados, com o capitão á frente, invadiu o salão.

A' sr.^a Johnson tinha julgado opportuno desmaiar sobre um sofá.

—E' preciso fazel-a voltar a si, exclamou o capitão. Foi um ataque de nervos. Vou buscar ao meu camarote um vidro de saes.

E saiu pela porta de communicacão por onde tinha desaparecido momentos antes o marinheiro.

Então a sr.^a Johnson, que não tinha desmaiado senão apparentemente, abriu os olhos com grande surpresa de officiaes e marinheiros que a contemplavam estupefactos, e erguendo-se com ariedade, estendeu as mãos na direcção do camarote, parecendo dizer n'esta mimica expressiva: «O que se vae passar ali? Santo Deus?»

Subitamente, um grito medonho atroou toda a camara e ouviu-se distinctamente o baque de um corpo pesado, no chão. Todos se precipitaram para a porta do camarim, mas recuaram logo, porque o piloto, que ia na frente, caiu por seu turno, atravessado por uma valente facada, jogada na sombra por mão traiçoeira.

—Luz, luz! gritaram todos á uma, em rugidos de colera, ao mesmo tempo que lançavam olhares desconfiados sobre a sr.^a Johnson.

Um marinheiro desprende a lampada do salão e desembainhando a faca, avançou resolutamente, seguido de perto pelos companheiros, que o imitaram.

De repente, ouviu-se uma detonação, depois outra, ainda outra e outra. Quatro balas cruzaram successivamente o salão, despedaçando os moveis e ferindo quatro marinheiros. Então estes, perdidos até á loucura, dobraram-se todos em angulos rectos, formaram com os corpos um ariete, e irrompendo no camarim, lançaram-se ao destemido atirador, com o qual travaram uma lucta espantosa, crivando-o totalmente de facadas, arrastando-o, por fim, para o salão, ainda palpitante e escorrendo sangue, e arremessando-o moribundo aos pés da sr.^a Johnson petrificada.

Em seguida foram ao camarim e trouxeram os dois cadaveres do capitão e do piloto, pouco antes atravessados de lado a lado por duas medonhas facadas, jogadas na obscuridade do camarim pelo ju'so de ferro do Francisco.

Felizmente para a sr.^a Johnson, cujo ideal de viuva rica se realisava, a tripulação persuadiu-se de que o Francisco tinha penetrado na camara para attentar contra o seu pudor ou para a roubar. A boa senhora mostrou-se sempre, perante o tribunal e perante a opinião publica, de uma ignorancia completa acerca dos designios do fallecido marinheiro. N'este ponto, dizia ella que sabia tanto como a tripulação.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO ARCEBISPO DE PARIS

Monsenhor Richard

Démos, no nosso ultimo numero, o retrato do fallecido arcebispo de Paris, cardeal Guibert. Damos hoje o do seu successor na direcção d'aquella diocese, monsenhor Richard.

O novo arcebispo é um velho de sessenta e sete annos, alto

e magro, testa espaçosa e cabellos brancos, o verdadeiro typo do ecclesiastico. Descende d'uma familia rica de Boussaye (Loire-Inferior) e completou a sua carreira em Roma.

Em 1848, escolhia-o o bispo de Nantes para vigario geral d'aquella diocese, cargo que o joven ecclesiastico bretão exerceu durante vinte annos com provada intelligencia, extraordinario zelo e grand^a honstidade.

Em 1871 er^a monsenhor Richard nomeado bispo de Belley, e foi ahi que o cardeal Guibert o procurou para seu coadjutor e successor.

A PONTE DE SANTAREM, SOBRE O TEJO

Esta famosa ponte, a que podemos chamar a primeira de Portugal e a terceira das da Europa, foi inaugurada em 17 de setembro de 1881.

O seu corpo principal é de 629^m,70 de comprido, distribuidos por oito magnificos pillares em oval, afóra os encontros, todos de cartaria, que, da profundidade variavel, chegam a descer a 20 metros abaixo da linha da sua base, erguendo-se 21^m; acima d'aquella linha, até á viga de ferro de 584^m,170 que sustenta o taboleiro da ponte. E, além d'este corpo principal, tem, na margem esquerda, ou do sul do rio, a outra ponte viaducto de 583^m,47, distribuidos por 37 duplas columnas de ferro, terminando na parte inferior em rosca, introduzida d'alguns metros na areia do leito. E' assim, a somma de todo o comprimento da obra d'arte (ponte e viaducto metalico) 1213^m,170, com um taboleiro de 4^m,40 de largura, no empedrado, e 0^m,80 em cada um dos passeios lateraes, ou com a largura total de 6 metros e mais de 20^m de elevação sobre o nivel das aguas medio do Tejo.

A subvenção dada pelo governo para a construcção feita pela companhia Fives-Lille, á ponte de pedra e ferro (parte principal), foi de 264:828\$139 réis, além do direito para a mesma companhia embolsar o seu rendimento durante 75 annos. E o custo da ponte avenida (toda de ferro) construida pela companhia Creosot, Schneider & C.^a, foi de 103:020\$000 réis. O custo do encontro da margem direita do rio, construido por conta do governo, pelo engenheiro Frederico A. Pimentel, foi de 1:603\$000 réis, e o do encontro da margem esquerda, construido pelo mesmo cavalheiro, de 6:902\$000 réis.

D'este modo, o custo total das obras d'arte (além do rendimento dos 75 annos da companhia Fives-Lille) foi de 376:353\$139 réis.

UMA VIRGEM DE MURILLO

(Quadro do Museu do Louvre)

A gravura que hoje damos em brinde, é copia d'um téla preciosa de Murillo, que se admira no Museu do Louvre.

O quadro, como se vê por esta magnifica reproducção, constitue uma obra prima. A arte de Murillo, associando a belleza á pureza da Virgem, reconheceu instinctivamente que o bello é um elemento essencial da idéa do divino, e pintou uma mulher bella, em toda a plenitude d'esta palavra.

Nas visões das creanças e do amor que inspira, a Virgem mostra-se-nos sempre formosa. Para a retratar, o grande artista diluiu na sua palheta as tintas orientaes com que a religião a pintou nas *Litanias*: accendeu-lhe nos olhos o fulgor da *estrella matutina*, riscou-lhe na bocca e nos sobrolhos as linhas harmoniosas da *porta do céu*, esmaltou-lhe o seio com a alvura firme da *torre de marfim*, colorio-lhe as faces com o rubor da *rosa mystica*.

Se a Virgem assim definida pela arte, não é a dos evangelistas e dos santos padres, é a do povo, a dos lares e dos corações, a das mães que ensinam os filhos, ajoelhados nos berços, a balbuciar o *Ave*.

FLORESTA DE SAOBABA

E' uma floresta virgem da Nova-Guiné. Veem-se ali arvores d'uma altura colossal, e as famosas aves do paraizo, dé grandes caudas e pennas multicores.

A vegetação da floresta é opulentissima.

Em muitos pontos, a folhagem do arvoredado forma abobada, atravez da qual não penetram os raios do sol,

ESTAÇÃO TELEGRAPHICA SEMAPHORICA E PHAROL D'AGDE, NO HERAULT

Agde é uma cidade franceza muito importante, pelo seu magnifico porto e pelo seu grande commercio de vinhos e aguardentes. Assenta na margem esquerda do Hérault, a 4 kilometros do mar, e tem o seu porto defendido pelo forte Brescou.



FLORESTA DE SAOBABA

A nossa gravura representa a estação telegraphica semaphorica e o pharol d'Agde.

O serviço meteorologico, telegraphico e de pharoes, tanto ali como em todos os outros portos de França, está perfeitamente organizado. Posto que aquella nação não seja a que mais crusa o Oceano, é ella, todavia, a que maior cuidado tem de evitar naufragios na sua costa e que, com mais afincio, pretende destacar-se durante a noite, d'essa confusão com as aguas, que torna tão terriveis, durante este espaço de tempo, quasi todas as fronteiras maritimas da terra.

O pharol d'Agde é um modelo no seu genero.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Fura na floresta esta ave—2—1.
Aperta e arde esta historia—1—2.

Leiria. MARIO RACCIOTTI.

E' debil esta mulher do theatro—2—2.
E' castigo dos mortos esta villa—2—2.
Este canto observa esta villa—2—2.
Observei este artista e mais este—1—3.
Repetida, come-se esta planta—1—2.

Lamego. ALBERTO D'AZEVEDO.

Esta planta suspende esta outra—2—1.
Sendo imperceptivel, alimenta e pesca—1—1.

Arneiroz. L. PERPETUA.

EM VERSO

(Retribuição ao «Pequeno Antoninho»)

Tu não sabes, meu Antonio?
meu Antonio Pequenito?
—Ouvi dizer que o demonio
andou com pés de cabrito!—1

Mas... então?! Será tolice?
Não sei, não. Não acredito.
Haveria quem o visse
andar com pés de cabrito?—2

Este enigma, por favor,
desejarei resolvido.
Mas eu digo: a mãe do Amor
Tambem teve este appellido.

Porto. M. M. & M.

Charadas
assim,
são feitas
por mim.—1

E' ave,
leitor?
Marreco,
cantor?—2

Será,
Se corre;
saltando,
morre.—2

Vegeta,
crescendo.
Termina,
morrendo.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

CHARADAS TELEGRAMMAS

(Em acrostico)

T amara é marisco?—
E spia é marinheiro?—
L egado no navio?—
E squilo é cobertura?—
G igante é minerio?—
R ibeiro é revista?—
A roma é mineral?—
M anobi é rato?—
A acaco é dinheiro?—
S mora é insecto?—
A otaina é cerca?—

Porto. M. M. & M.

Logogriphos

(Por letras)

(Retribuição á sympathica Margarida Norton, auctora do
Fado—amar—dama—orar)

Eu sonhei que nos teus braços—15, 12, 6, 7
Estendia os membros lassos,—5, 4, 8, 4
Em apertados abraços,—11, 12, 6, 1, 14, 8, 2
D'um ineffavel prazer;—7, 15, 4, 1, 10, 12, 7
E, n'este meu doce sonho,—3, 7, 14, 8, 7, 8, 4
Que nada tem de risonho,—12, 6, 3, 4, 5, 6, 9
Acordei muito tristonho,—11, 7, 5, 10, 4, 1, 7, 8, 9
Por isto que vou dizer:—6, 7, 8, 7

Sonhei que te vi, menina,—6, 2, 13, 7
Entre a cerrada neblina,—6, 4, 13, 9, 7
Que se estende na campina—4, 10, 3, 7
Em manhãs frescas, de maio;—6, 4, 3, 2, 7
Eu sonhei-te uma rainha,—8, 14, 8, 9
Formosa, delicadinha,—15, 12, 6, 8, 7
E pensei, senhora minha,—8, 2, 6, 7
Que havia de ser teu aior!—11, 5, 4, 7, 8, 9

E n'este sonho dourado,
Senti-me bem apertado
E vi-me acariciado,
Por uma fada gentil;
Estendi-lhe a minha mão,
Apertei-a ao coração,
Acordei, triste illusão,
Nos braços d'um aguazil!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

(A Xavier Rodrigão)

Não o alcança a minha vista,
Mas tomando p'r este atalho,
Eu venço o espaço que dista,
E dedico este trabalho
Ao distincto charadista.

Um sujeito assim chamado,—2, 1, 3, 2, 9, 4
Que por aqui passeiava,—6, 8, 9, 9, 2

N'esta festa descuidado,—2, 9, 9, 2, 5, 2, 4
 Em quanto um fructo provava,—4, 4, 7, 3, 2
 Foi p'r este mal atacado.—3, 2, 9, 7, 4, 1, 2

E' traição d'algun amigo,—2, 1, 8, 5, 3, 4, 6, 7, 2
 Disse logo uma mulher;—8, 1, 3, 7, 9, 2
 Mas fica livre de p'rigo—6, 2, 4, 3, 4
 Se tal caçada fizer—3, 4, 2, 9, 5, 2
 Levando uma ave comsigo.—2, 1, 3, 8, 1, 4, 2

E o nosso homem assim fez;
 E quando se achou melhor,
 Viu n'um jornal portuguez,
 Que da receita é auctor
 Celebre sabio francez.

MATHEUS JUNIOR

Enigma

(Mythologico)

Id×ia,
 Ci×ix, Pr×on,
 En×as, Ja×ix, Cl×to,
 Ab×es, Ni×ne,
 Ip×is.

Formar, com as letras que faitam nos nomes acima, o nome de uma divindade mythologica.

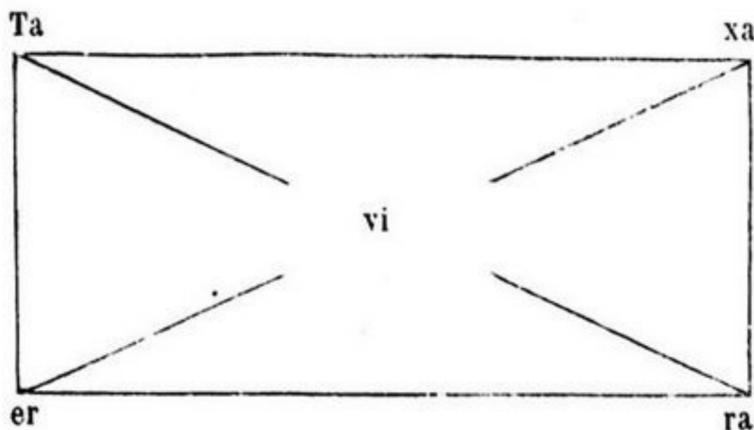
MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Regoa—Lila—Corpo—Sustento
 —Saramago—Petalas—Gregorio—Sapé.

DA CHARADA EM TRIANGULO:—Escarola
 salsada
 claire
 asilo
 raro
 ode
 la
 a

DA CHARADA CONIMBRICENSE:



DOS ENIGMAS:—Aquiui—Um homem namorado é um homem que quer ser mais amavel do que lhe é possível; eis porque todos os namorados são ridiculos.

EXPEDIENTE

A opinião individual, manifestada por qualquer dos nossas collaboradoras, sobre livros ou questões d'arte, não envolve o da redacção d'este semanario, que se reserva o direito de fazer a sua critica e de emitir o seu juizo nas Chronicas da semana.

* *

O enigma do sr. A. de Sousa Franco, posto a premio no nosso ultimo numero, foi decifrado pelo insigne charadista *Pequeno Antoninho*, o unico que nos enviou a decifração.

A RIR

Depois da cerimonia nupcial, ao ficarem sós os noivos, o marido, confiado na innocencia da mulher, declara-lhe que tem uma filha natural e pede-lhe que a admitta em casa e a considere como sua propria filha.

—Folgo muito com isso, responde a recém-casada; eu tambem tenho um filho, e não sabia como dizer-t'o. Tral-o-hei para casa, e quando tiverem idade, casal-os-hemos, sim?

*

Uma irmã de Calino encontra M. X... na rua:

—Onde váes, Margarida?
 — Senhor, eu vou procural-o ao café.
 —Então, já que me encontraste, escusas de lá ir.
 —Ah! eu sempre vou... A senhora disse-me que fosse...

UM CONSELHO POR SEMANA

CONTRA AS PICADAS DAS ORTIGAS

Tomem-se folhas de tanchagem, machuquem-se bem, e friccionem-se com ellas a parte do corpo picada.

TRAÇOS DA HISTORIA CONTEMPORANEA

A fé dos tratados

I

Depois de vinte e cinco annos de guerras incessantes, que acabaram de demolir, até aos alicerces, o velho edificio europeu, não deixando uma unica pedra no seu lugar, Vienna viu juntar-se dentro dos seus muros, em outubro de 1814, um numero consideravel de principes reinantes ou depostos, imperadores, reis, duques landgraves e barões feudaes, acompanhados de uma magna caterva de diplomatas.

Aquelle a quem chamavam então o sr. de Buonaparte, jazia prisioneiro na ilha d'Elba.

A paz estava restabelecida entre a França e as potencias aliadas, pelo tratado assignado em 30 de maio, primeiramente com a Austria, em recordação da antiga prerogativa do Santo imperio romano, e depois com a Inglaterra, Hespanha, Prussia, Russia, Portugal e Suecia.

Nos termos do artigo 32º, os plenipotenciarios reuniram-se em Vienna, para regularem, n'um congresso geral, as disposições que deviam completar o tratado de Paris, cujos signatarios se declaram animados do desejo de pôr termo ás longas agitações da Europa, e ás desgraças dos povos, por meio de uma paz solida, fundada n'uma justa divisão de forças entre as potencias, e que encerrasse nas suas estipulações a garantia da sua duração.

No meio das festas e regosijos com os quaes a reacção europeia celebrava em Vienna, uma Cápua allemã, a victoria alcançada sobre os revolucionarios de França—victoria que parecia decisiva—o czar Alexandre I, autocrata de todas as Russias, brilhava no primeiro plano. Animado de sentimentos generosos, votado a uma especie de mysticismo de confraternidade christã, adulado pelas mulheres formosas da cõrte, arvorou-se em pacificador, e consentia que a sr.ª de Krudner, sua favorita, lhe chamasse—«anjõ da paz.»

Este epitheto, porém, não o impedia de reclamar uma parte dos despojos. Era seu intento fazer um reino composto de todas

as provincias polacas desmembradas desde a partilha de 1772; e esse reino devia ficar sob o sceptro dos czares da Russia, os quaes passariam a juntar aos seus titulos, o de reis da Polonia.

Ao lado do czar, o rei da Prussia, Frederico Guilherme fazia uma tristissima figura. O desditoso monarcha não cessava de mostrar aos plenipotenciarios as estatisticas feitas pelos seus conselheiros, nas quaes se achavam avaliados, pelo numero de habitantes, os prejuizos que elle havia soffrido já, e os que os projectos de Alexandre I lhe fariam soffrer ainda.

O rei da Prussia queria assenhorear-se de todo o reino de Saxe, cujo soberano, Frederico Augusto, tinha seguido até á ultima, as aventuras de Napoleão. O imperador Francisco, ou para melhor dizer o principe de Metternich, que era então o verdadeiro soberano em Vienna, não occultava o desejo de lançar a mão á península subalpina, porque a nação italiana era para elle apenas — «uma expressão geographica».

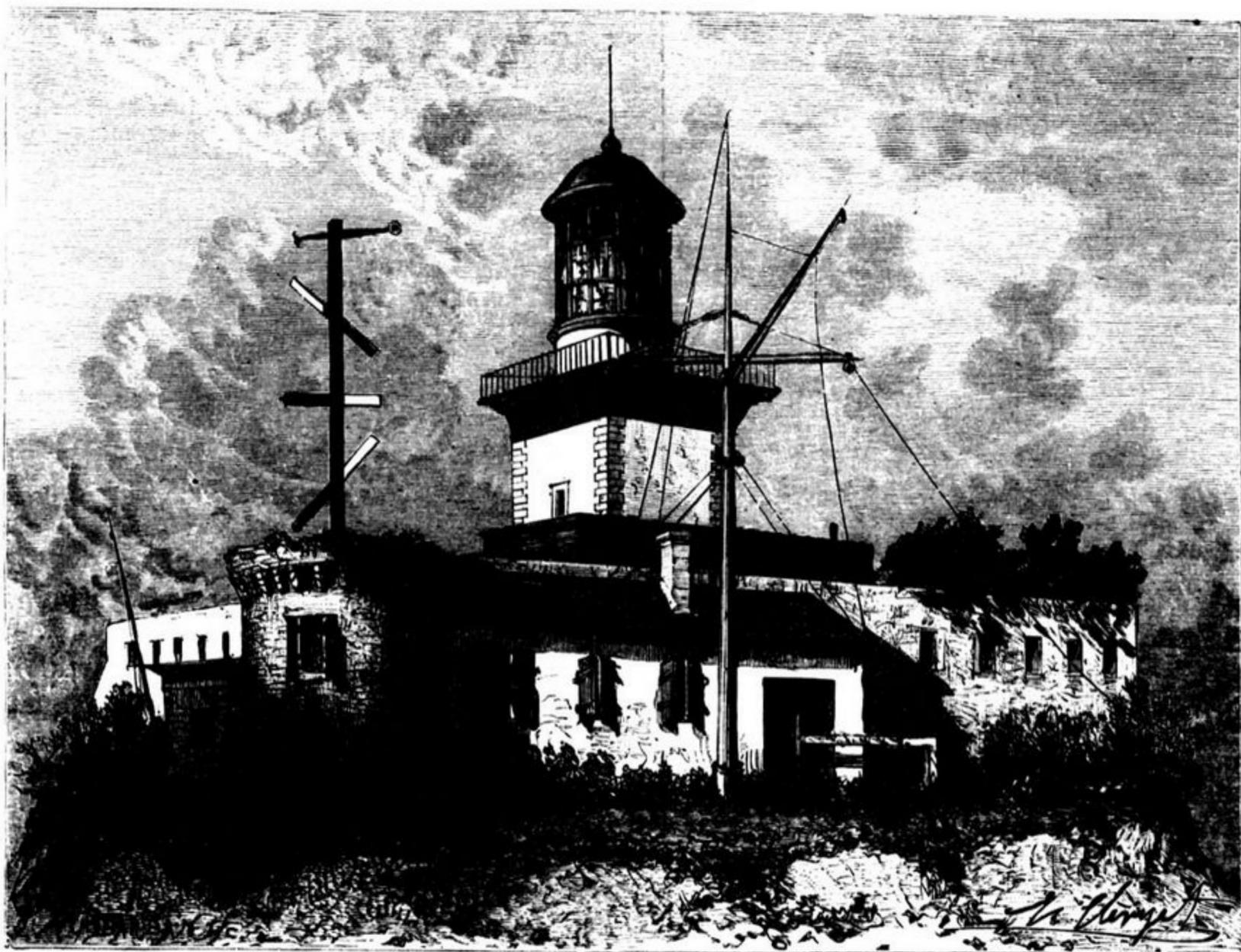
A' rda d'estes tres potentados, os quaes, apoiados por poderosos exercitos, podiam dictar a lei á sua vontade, agitavam-se todos os representantes das velhas regalias; uns para alargarrem os seus pequenos reinos, outros para recuperarem os seus

A imperatriz d'Austria, querendo dar á posteridade um testemunho da maravilhosa harmonia dos principes colligados para fazerem triumphar o direito divino, bordou uma bandeira em que se viam em letras de ouro as seguintes palavras: «unidos para todo o sempre.»

Os plenipotenciarios abriram assembléas preparatorias em 15 de setembro, mas a primeira sessão do congresso veio a realisar-se no 1.º de novembro.

Os representantes das oito potencias signatarias do tratado de Paris formaram uma junta central para a direcção geral dos negocios. A presidencia do congresso foi assumida pelo plenipotenciario da Austria, o principe de Metternich.

O congresso de Vienna não podia tomar por modelo nenhum dos que o haviam precedido. Até áquella epoca, como succedeu, por exemplo, nos congressos de Munster e de Osnabruck (1646), nos congressos de Nieniege (1675), de Ryswích (1697), de Utrecht (1712), de Aix-la-Chapelle (1748), de Teschen (1779), de Rastadt (1798), de Amiens (1802), não se haviam tomado deliberações em commum; os plenipotenciarios trocavam notas e memoriaas sobre o ponto litigioso, que estabelecia a discordia entre duas ou



ESTAÇÃO TELEGRAPHICA SEMAPHORICA E PHAROL D'AGDE, NO HERAULT

ducados ou para talharem para si um principado nos vastos territorios e nos trinta e tres milhões d'almas, cuja partilha devia ser feita pelo congresso. Muitos d'elles apresentaram-se pessoalmente, outros, porém, fizeram-se representar por plenipotenciarios.

No meio d'essa multidão de ambições e de emulações sem conto, n'esse foco de rivalidades e intrigas, havia ainda assim horas consagradas ao prazer, nas quaes, ao lado das magestades galantes, brilhavam os grandes diplomatas, duque de Wellington e lord Castlereagh. Nos salões do Burg, debaixo dos arvoredos de Schoerbrunn, o velho principe de Linha expandia a sua verve mordaz. O principe de Talleyrand, plenipotenciario da França, enviava ao seu soberano, em notas secretas, a anecdota do baile e a chronica amorosa, descrevendo até os trajes que mais haviam dado nas vistas no baile do imperador Francisco; o que fazia com que Luiz XVIII dissesse:—«O sr. de Talleyrand apenas se esqueceu de uma cousa: dizei-me qual era o seu traje, pois sei que tem alguns de sobrecellente.» Os poetas e os cantores abundavam; Sofia Gay compunha canções, e Garat cantava-as. Muitas das grandes damas tinham a sua cõrte especial, distinguindo-se entre ellas a joven condessa de Perigord, mais tarde duqueza de Dino, e a princeza de Lieven.

mais potencias belligerantes, ou que estavam prestes a baterem-se. «Mas d'esta vez, diz um artigo semi-official publicado em outubro de 1814, a paz está antecipadamente feita, e as partes reu-nem-se como amigos, os quaes, apesar de não terem todos eguaes interesses, querem trabalhar concordemente para completarem e consolidarem o tratado existente; e o assumpto da negociação é uma serie multiplicada de questões, em parte preparadas pelas decisões anteriores, em parte completamente indecisas.»

As ambições eram desenfreadas em todos os principes, avidos de dividirem entre si um enorme espolio de territorios e de almas. Á sua união existia tão somente nas letras de ouro da bandeira bordada pela imperatriz d'Austria. Havia, no entanto, uma paixão commum a todos, reunindo como que n'um feixe todos esses antagonismos,—era o odio á revolução franceza, e o medo d'esse principio novo, d'esse direito popular com que ella acabava de dotar o mundo, e para o qual todos os povos da Europa se haviam voltado como para um genio redemptor.

A. C.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica